

O STATUS DA LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA E GUINÉ-BISSAU

Jandira Miguel Dala¹

Maimuna Baldé²

Juliana Geórgia Gonçalves De Araújo³

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo observar o processo de colonização linguística em Angola e Guiné Bissau, com o intuito de verificar como se constitui a colonização linguística, nos discursos dos entrevistados angolanos e guineenses, que já tenham concluído o ensino médio. A partir de um seminário realizado na disciplina de História da Língua portuguesa no semestre 2020.1 nos deparamos com essa inquietação que se tornou importante para pensarmos, também, na escassa produção de materiais didáticos que discutem esses temas, essa questão levou nos a propor essa discussão, e em seguida, pensarmos como podemos promover a descolonização linguística através da educação. A metodologia desse estudo se constituiu de pesquisa qualitativa, e se deu através de entrevistas narrativas.

Palavras-chave: Colonização Linguística Angola Guiné-Bissau .

UNILAB, ILL, Discente, jandiradala05@aluno.unilab.edu.br¹

UNILAB, ILL, Discente, m.secobalde93@gmail.com²

UNILAB, ILL, Docente, jgeorgia.araujo@gmail.com³



INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem bastante relevância para a compreensão do status da Língua Portuguesa em Angola e Guiné-Bissau, essa língua foi imposta pelos invasores no período da colonização, compreender o processo de invasão desses países e o processo de imposição da língua portuguesa é de suma importância para compreender a nossa história. Trabalhar a história de cada país respeitando a identidade dos seus povos, e não do povo colonizador, é algo que é defendido nessa pesquisa. Nas aulas de História da Língua portuguesa nos deparamos com essa inquietação que se tornou importante para pensarmos, também, na escassa produção de materiais didáticos que discutem esses temas. Esta questão nos levou a propor essa discussão com o objetivo de discutir a colonização linguística nesses países como forma de provocar reflexão e questionamentos aos professores em formação.

METODOLOGIA

A metodologia usada é a pesquisa qualitativa através de entrevistas narrativas, Bauer e Gaskell (2003) observam que as regras de execução da EN restringem o entrevistador. A entrevista narrativa vai mais além que qualquer outro método ao evitar uma pré-estruturação da entrevista. A entrevista narrativa ao restringir o entrevistador da mais visibilidade ao entrevistado, esse é o real objetivo de uma entrevista onde o entrevistado seja o foco principal, evitando uma pré-estruturação deixa a entrevista mais boa, os entrevistados sentem-se mais livres e menos limitados para falar. Foi assim que realizamos entrevistas, com dez pessoas dessas nacionalidades, cinco angolanos e cinco guineenses. As perguntas feitas durante a entrevista foram: Como contaria a história da língua portuguesa na sua escola? Existe certo ou errado em relação algumas expressões como: Mbora, ngalinha, kukulo Kukulo? Você já sofreu preconceito por não fazer o uso das regras da língua Portuguesa? Você já sofreu preconceito na escola, por usar a língua nacional? Você conhece a história das línguas nacionais? As línguas nacionais deveriam ter mais espaços nas escolas?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período das entrevistas procuramos falar com estudantes que já tinham concluído o ensino médio, elaboramos a primeira pergunta “Como contaria a história da língua portuguesa na sua escola” para observarmos o processo de colonização linguística em Angola e Guiné Bissau. Os entrevistados angolanos, maior parte, narrou a história num viés do colonizador de que: “A língua portuguesa ela surge do colonialismo, ou seja por causa daquele movimento que aconteceu, do fluxo migratório dos portugueses para Angola”, esse é um trecho da resposta de um dos entrevistados e dos 5 entrevistados 4 responderam nessa mesma perspectiva, Vemos como eles ainda apresentam a língua portuguesa nesse viés do colonizador associando a história da língua portuguesa ao colonialismo, deixando de lado o facto de que antes de Angola ser colonizado tinha as suas línguas nativas. Os estudantes guineenses que concluem o ensino médio, em sua maioria, conhecem a história da língua portuguesa através de processo da colonização, isto é, com a chegada dos portugueses no território guineense, esquecendo que antes da chegada dos portugueses a Guiné já tinha as suas línguas nacionais/dialetos, e do processo de criolização em Guiné-Bissau que se deu na tentativa dos guineenses falarem a língua portuguesa deu origem a língua crioula. Para a segunda questão trouxemos algumas expressões de Angola como: “Mbora” é um calão muito falado pelos nativos de Luanda, “ngalinha” é uma palavra muito utilizada pelas pessoas do sul de Angola os Umbundos para o uso de galinha a influência das suas língua nacional causa essa variação, e por último o “kukulo Kukulo” que é uma palavra em



quimbundo, procuramos investigar, a partir das respostas dos nossos entrevistados, a noção do “certo e errado”. Quanto aos entrevistados angolanos, as opiniões estavam divididas sobre essa questão uma das entrevistadas disse que: “Não acho errado, acho até que é um uso que deveria ser mais aproveitado, porque sabemos muito bem, porque temos várias províncias no nosso país que cada província tem a sua língua isso acaba ter influência na língua portuguesa” realmente se formos ver o uso da palavra “Ngualinha” é uma influência do Umbundo e deve ser respeitada essa diversidade, mas um outro entrevistado diz que “é normal, desde que ela não sebe pronunciar a palavra exata” e levou nos a refletir qual seria essa palavra exata, será a apresentada pelo colonizador, se cada região terá a sua variação, uma vez que quando falamos em “língua portuguesa”, refiramo-nos não às diferentes práticas linguísticas no território português, mas a imagem constitutiva dessa língua como uma unidade imaginária frente à diversidade dialetal, MARIANI (2004). Em relação aos estudantes guineenses, a maior parte deles disseram que é errado justificaram que cada língua possui as suas normas, ou seja, regras gramaticais que os falantes devem seguir para se comunicarem. E alguns entrevistados disseram que não existe errado uma vez existe a diversidade linguísticas em torno do português, podemos constatar aqui que o processo de colonização linguística ainda é predominante, pelas respostas dos entrevistados. Nas perguntas “Você já sofreu preconceito por não fazer o uso das regras da língua Portuguesa? e Você já sofreu preconceito na escola, por usas a língua nacional? Todos os entrevistados angolanos responderam que sim, um deles fundamentou dizendo “Já sofri muito, bom normalmente em Angola têm uma ideia de que o melhor português a se falar é o de Portugal e o da norma culta normalmente, maior parte da população angolana não consegue falar a norma culta e quando você é um desses automaticamente sofres bullying” verificamos aqui a colonização linguística no discurso dos entrevistados, a colonização linguística que segundo MARIANI (2004) é a da ordem de um acontecimento, produz modificações em sistemas linguísticos que vinham se constituindo em separado, ou ainda, provoca reorganizações no funcionamento linguístico das línguas e rupturas em processos semânticos estabilizados. Os entrevistados guineenses, em sua maioria, também responderam que já sofreram o preconceito linguístico, alegando que quem não fala português na base da gramática é visto na sociedade como uma pessoa de baixo nível escolaridade. Línguas nacionais na escola são vistas como língua de uma pessoa de nível baixo na sociedade, sendo os falantes do português os reconhecidos como indivíduos das camadas mais privilegiadas. Na pergunta, você conhece a história das línguas nacionais? Os entrevistados guineenses e angolanos, em sua maioria, falou que não conhece a histórias das suas línguas nacionais, outros disseram que conhecem, mas de forma bem superficial, porque esses assuntos não vistos nos currículos escolares do país e os que conheceram foi pela autonomia dos estudantes. Para refletir acerca da descolonização linguística, sugerimos esta pergunta: As línguas nacionais deveriam ter mais espaços nas escolas? Os entrevistados angolanos e guineenses apoiaram a ideia de que as línguas nacionais deveriam ter mais espaço nas escolas, sobretudo nesses países em que há uma diversidade dialetal.

CONCLUSÕES

Ao realizarmos está pesquisa percebemos que, tanto em Angola como em Guiné-Bissau, a língua portuguesa é a mais privilegiada na sociedade, e as línguas nacionais acabam sendo inferiorizadas. A pesquisa em curso tem grande relevância, pois esperamos com que as línguas nacionais ganhem mais espaços na sociedade, e que elas sejam inseridas no ensino, e consequentemente, o status da língua portuguesa nesses países seja mais discutido e repensado, principalmente pelos educadores.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a professora Juliana pela orientação. Agradecemos aos nossos entrevistados, por aceitarem fazer parte dessa pesquisa, e aos nossos amigos e familiares.

REFERÊNCIAS

MATA, Inocência L. S, Epistemologias do “colonial” e da descolonização linguística: uma reflexão a partir de África*. Gragoatá, Niterói, v.24, 2019. BAUER, Martin W; George Gaskell. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. MARIANI, Bethania. Colonização Linguística: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (Século XVIII). Campinas: Pontes Editores, 2004.